

FUNDAMENTOS DE HISTÓRIA MILITAR APLICADA

Major JOSÉ MURILLO BEUREM RAMALHO

I — INTRODUÇÃO

O ensino da História Militar, aliado à sua intensa pesquisa, nos grandes centros culturais e militares do mundo, vem constituindo uma tônica especial, ensejando, disversas vèzes, as mais variadas discussões sôbre sua oportunidade face à evolução técnico-científica nas múltiplas atividades do homem moderno.

Já o próprio ensino da História Militar em universidades norte-americanas tem constituído surprêsa para muitos técnicos, políticos, militares e pesquisadores.

A verdade é que a difusão, o estudo e a interpretação dos processos histórico-militares vêm propiciando subsídio importante ao esclarecimento do próprio comportamento dos homens do passado, permitindo extrair conclusões oportunas e esclarecedoras.

Psicólogos, psiquiatras, historiadores, sociólogos, geógrafos e pesquisadores buscam na análise e na interpretação dos fatos históricos raízes com que possam, melhor pesar e sentir as ações que se entrecrocaram, os interesses em jôgo e a conduta de dirigentes, chefes e executivos.

A atenção que deve ser devotada a êsse ramo de conhecimento deve ser aumentada e difundida em todos os escalões, pela profundidade de conceitos, de valores interpretativos e para aperfeiçoamento profissional dos membros das Fôrças Armadas, sôbre as quais repousam os alicerces da Segurança Nacional.

II — DESENVOLVIMENTO

Numa programação destinada à Academia de Guerra de Berlim, em 1868, disse o General Pencker, inspetor-geral dos Institutos de Ensino da Prússia: "Quantò mais excassa fôr a um exército a experiência de guerra, mais importa recorrer à História como base dessa instrução. Embora a história da guerra não possa substituir a experiência adquirida, pode, contudo, prepará-la. Na paz, ela constitui o verdadeiro meio de aprender a guerra, de determinar os princípios fixos da arte. É, indubitavelmente, a fonte imediata e eterna de todos os conhecimentos utilizáveis na guerra".

O saudoso general-professor-escritor Pedro Cordolino F. de Azevedo, conceituado mestre na antiga, famosa e tradicional Escola Militar do Realengo e na atual Academia Militar das Agulhas Negras, retratou certa vez:

“Convencidos de que a História é uma das formas por meio das quais se chega ao conhecimento experimental do Universo no seu envolver, tratam os historiadores, alicerçados no estudo da psicologia, de determinar a filiação dos acontecimentos, por vezes dramáticos e violentos, e que têm a sociedade humana por palco”.

Evidentemente, os grandes chefes do passado não frequentaram curso sobre pessoal. Porém, se nos aprofundarmos em investigar os fatos correlacionados com a vida de Caxias, Gengis-Kan, Alexandre, Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Frederico II, Napoleão, Moltke, Osório, Bolívar, San Martín, etc., verificaremos que os mesmos dedicaram considerável dose de tempo a investigações sobre a vida dos “grandes” que se lhes antepuseram. Escada empírica de estudo, não resta dúvida; porém, que revela alta visão e compreensão da experiência vivida por outros. Eles já se tinham antecipado à máxima de Bismarck, que dizia: “Os ineptos procuram ter somente a experiência própria como guia; eu, porém, prefiro aproveitar a experiência dos outros”.

É certo que o estudo da vida dos grandes chefes militares demonstra que nenhum deles possuía, no mais alto grau, tôdas as qualidades de chefia, e que as falhas em algumas eram mais que compensadas pelo valor das outras.

Por outro lado, a conceituação de ser chefe, ser líder, é, como na antiguidade, o de saber impôr-se através de uma série de impulsos que o caracterizam, impulsos êsses, naturalmente, que variaram em sua forma e sentido através do decorrer dos séculos.

Certamente, na antiguidade, Gengis-Kan, César, Alexandre, etc., manuseavam ôtimamente suas lanças e espadas como o melhor de seus guerreiros. E isso constituía um dos melhores argumentos dominantes na arte de chefiar. Valentes o eram mais do que os seus melhores lutadores. Possuíam vigor físico acentuado e, de certa forma, no conjunto, dispunham de determinadas aptidões que os faziam distinguir ante seus demais guerreiros.

Muito a propósito, sobre essa afirmação ressaltamos aqui o autorretrato sobre Aníbal, chefe militar considerado por Napoleão “les plus grand capitaine du monde” através da pena do historiador Tito Lívio: “Era o chefe em quem os soldados depositavam a maior confiança. Possuía muita audácia no ataque e grande prudência no perigo. Não havia trabalho capaz de fatigar seu corpo ou sua alma. Sabia afrontar o frio e o calor. Ao repouso, consagrava unicamente o tempo não ocupado pelos seus afazeres. Não conhecendo a ne-

cessidade de conforto, era muitas vezes visto deitado na terra, coberto, pelo seu manto, entre os vigias dos pontos avançados. Suas vestes não o distinguiam de seus comandados; era notado unicamente pelas suas armas e por seus cavalos. Era o melhor dos infantes e o mais hábil entre os cavaleiros. No combate era o primeiro a atacar e o último a se retirar”.

Evidentemente, no antanho a ascendência do chefe era baseada num complexo de ação física e vigor moral, a par, certamente, de diferentes atributos próprios, pessoais. Alguns denotavam, além, alto índice intelectual e respeitável valor como aprendiz, aprendendo com desusada facilidade o manêjo das armas.

Um traço da conduta de guerreiros e chefes do passado conta-nos o Cel J. B. Magalhães: “César, tal como Napoleão, caminhava a pé com suas legiões e falava aos centuriões e soldados diretamente. Permitiam, ambos, que se lhes manifestassem livremente suas queixas e seus desejos. Combatiam nas suas fileiras. Estimulavam seus soldados mostrando seu interesse por eles e chamando-os pelo nome. Fascinavam-nos com a idéia que lhes sugeriam de serem um deles”.

Trazendo à nossa imagem a guerra à época moderna, vemos, no entretanto, outro sentido dado às características dos chefes militares. Assim é que, por exemplo, os generais Von Romel, Montgomery, na guerra 1939-1945, desconheciam as características, funcionamento e o emprêgo, de forma detalhada, da maioria das armas, petrechos e veículos com os quais puderam alcançar vitórias de elevada significação tática e estratégica.

A resultante de suas aptidões, habilidades, experiência e conhecimentos foi produto não só da meditação nas páginas da história militar, bem quanto uma ótima base assentada sobre eficiente cultura profissional e geral, um conjunto de qualidades pessoais e um adequado conhecimento da natureza humana usufruído nos bancos escolares, na experiência e no folhear da literatura psico-sociológico.

Muito embora já no século V AC, houvesse um documento sobre aspectos da guerra — a “Arte da Guerra”, considerado o mais antigo tratado militar conhecido, escrito por Sun Tzu — somente em fins do século XIX é que surgiram os primeiros trabalhos versando sobre a arte de comandar.

Em consequência, a partir daí é que se observou maior preocupação pela técnica de chefia, em bases racionais, ressaltando, nessa fase, entre outros, trabalhos como “A arte de comandar”, de André Gavet, do Exército francês e “Educação moral do soldado”, do Coronel italiano Carlo Corsi, este publicado em 1890.

Principalmente, durante a 1ª Guerra Mundial, é que surgem os primeiros sinais de verdadeira consideração oficial pela arte de comandar.

Certo é que, a compreensão do valor da natureza humana no âmbito militar, a sistematização de um conjunto de princípios e idéias

sôbre técnicas de chefia e o vetor importancial da arte de comandar vieram dar realce à necessidade de meditação e estudo correlatos. Calcada essa importância agora, porém, em termos científicos, sua produção tenderia a ser mais racional, mais humana e mais de acôrdo com os próprios valores interpretativos do homem.

Por conseguinte, os mestres, técnicos e estudiosos no assunto, e ainda aquêles com funções de chefia, partiram em busca de soluções para atender à corrente não só dos necessitados bem quanto às das massas na guerra.

A crescente tecnização dos meios e agentes não sômente no setor das Fôrças Armadas bem quanto nos meios civis trouxe, certamente, novos problemas e novas dificuldades, ao mesmo tempo que douo aos chefes militares melhores condições para o trabalho e o acionamento do contrôle do comportamento humano.

O que, a propósito, cita o Major Rolf Elble, do Exército alemão, é interessante sôbre o aspecto que aqui estamos abarcando e não nos furtamos a mencioná-lo: "A maior autoridade do domínio militar, a despeito de todos os aperfeiçoamentos técnicos, continua a pertencer ao comandante militar e não ao técnico".

A magnitude do conhecimento do chefe militar sôbre a problemática do pessoal é, portanto, fundamental, modernamente.

Anteriormente, o chefe bastava ser fisicamente forte, ter coragem para suportar a primeira visão do adversário; e a emoção da própria batalha gerava ardor combativo e contagiante. Hoje, é necessário um pouco mais, bem mais, para aquêles que comanda.

Assim é que Foch, citando o general Penker, acertadamente escreveu:

"Quando um homem de guerra tem o sentimento íntimo de ser instruído, quando percebe que sabe o bastante para se orientar facilmente em circunstâncias difíceis, seu caráter se fortifica, torna-se capaz de tomar, com propósito, decisões nítidas e de lhes dar execução. Ao contrário, o homem que sabe que é ignorante e que necessita aconselhar-se com outros, mostra-se indeciso, perplexo e prestes a se desmoralizar".

O maior homem do Exército Brasileiro de todos os tempos era visto com a mística dos semideuses. A propósito, Dionísio Cerqueira descreve: "Quando passava no seu uniforme de marechal do exército, ereto e elegante, apesar da idade, todos nós perfilávamos reverentes e cheios de fé. Não era sômente o respeito devido à sua posição hierárquica, havia mais a veneração religiosa e a admiração sem limites. Poderia fazer dos seus soldados o que quisesse — desde um herói até um mártir. Por isso, quando êle passou pela frente do Dezesseis em Itooroó com as faces incendidas e a espada curva desembainhada, foi preciso o comandante mandar — Firme — para que não o seguíssemos todos".

Chefe e líder, seus feitos e sua biografia constituem fundamentos sociológicos e psicológicos com que a cultura brasileira e a continental vêm se beneficiando.

Sua personalidade, calcada em qualidades tais como conhecimento, coragem, iniciativa, decisão, tato, justiça, confiança, despreendimento, entusiasmo, disciplina e proficiência, motivou-lhe o ser o agente revitalizador com que os estudiosos se agigantam no estudo da problemática de chefia e dinâmica da liderança.

Oswaldo Orico, com raro brilhantismo, a respeito dele, se manifestou: "Restituiu materialmente ao Império mutilado a mecânica da disciplina e a unidade geográfica da ordem".

No controle e conduta das massas militares e como líder nas ações governamentais assegurou a oportunidade de galgar os degraus da História Militar clássica, saindo com o título de general jamais vencido.

Ele — Caxias, — nosso patrono !

III — CONCLUSÃO

O realce que deve ser atribuído à História Militar aplicada, constitui um grande valor; inestimável.

Fugindo ao roteiro de datas e seqüências operativas, todo ensaio sobre esse importante ramo deve estar calcado sobre as múltiplas interpretações dos fatos históricos, jogando-as com os diversos ângulos da sociologia e da psicologia. A resultante trará a vantagem de fazer com que o pesquisador e técnico possam armar suas conclusões, extraindo valores para o julgamento não só das várias opiniões que se agitam, bem quanto dos atributos e possibilidades humanas, no sentido individual e coletivo.

O grau de interesse, que desperta tal matéria em nossos círculos militares, tem sido um sintoma altamente auspicioso revelando sentido elevado de eficiência e aperfeiçoamento.

A DEFESA NACIONAL é a **sua** Revista de estudos e debates profissionais. **É a sua tribuna.** MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!